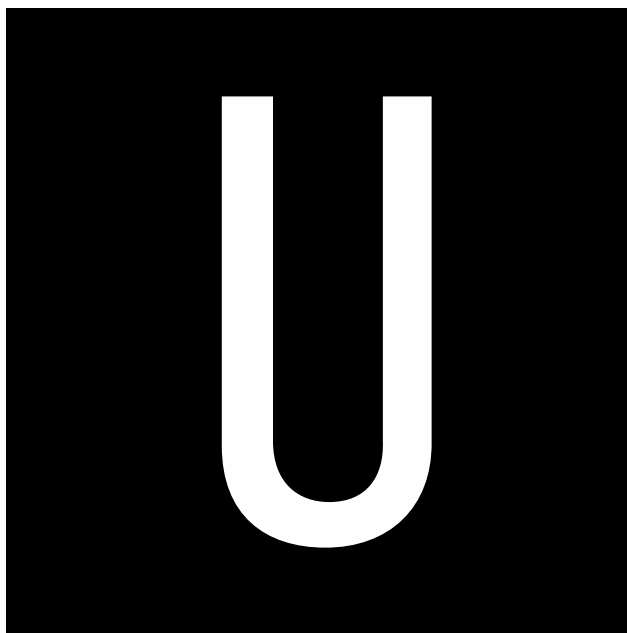




# QUANDO A MORTE CHEGA PELO CORREIO

É ilegal mas pode facilmente ser comprada pela internet. A droga, rápida e indolor, mais utilizada para a prática do suicídio assistido, já causou quatro mortes em Portugal, confirmadas pelo Instituto de Medicina Legal. Há inúmeros vendedores que fornecem, por 500 euros, o barbitúrico fatal. É o mercado negro da morte



**Nota prévia:** Por motivos éticos, e de acordo com as recomendações para prevenção do suicídio, a VISÃO optou por omitir o nome do medicamento letal e o seu princípio ativo e os endereços dos sites onde pode ser comprado.

Um homem de cabelos brancos e rosto sereno está de mãos dadas com a mulher, sentado num sofá. Tem 71 anos e esclerose lateral amiotrófica, mas ainda conserva mobilidade suficiente para andar com apoio pelo próprio pé e está perfeitamente consciente. A voluntária da Dignitas, a organização suíça que promove o direito ao suicídio assistido e à morte com dignidade, passa-lhe para a mão um copo com uma bebida branca. O frasco da dose letal está em cima da mesa – chamemos-lhe Z. Engole o medicamento, come um chocolate e bebe alguns goles de água. Segundos depois, a cabeça pende sobre uma almofada de viagem. Peter Bradley começa a risonar e cai num estado de inconsciência, antes do coração parar para sempre. Morre em minutos. A cena, de Terry Pratchett: *choosing to die*, um documentário de referência produzido para a BBC Scotland, foi gravada numa clínica na Suíça, mas repete-se hoje por todo o mundo com doentes graves que, por mãos próprias, decidem comprar a droga e pôr termo à vida, graças ao enorme mercado negro que cresce em torno da morte.

O medicamento, um barbitúrico, é a droga número um utilizada para a prática do suicídio assistido e da eutanásia fora dos meios hospitalares. Ficou conhecida como “peaceful pill” ou a “droga tranquila”, e apesar de ser proibida na esmagadora maioria dos países desenvolvidos, incluindo Portugal, pode facilmente ser comprada online por quem procura um fim indolor e vive em sítios onde a prática está criminalizada.

Há um negócio eletrónico em torno da morte cada vez mais fluorescente nos últimos anos. Comércio que envolve a droga propriamente dita, mas também os kits para testar a sua pureza e eficiência, e até livros que indicam os vendedores fidedignos onde ela pode ser comprada.

## DOIS MOVIMENTOS, DUAS ABORDAGENS

### Exit International

Uma das mais radicais associações pró-eutanásia. Defende o direito ao suicídio racional em qualquer circunstância e incentiva o recurso ao suicídio através do uso da droga letal Z, mesmo que comprada online.

SEDE: Austrália  
MEMBROS: 18 000  
PORTUGUESES: 30  
15 portugueses terão obtido a droga letal (estimativa de Philip Nitschke)

### Dignitas

É o mais conhecido ponto de romaria para o “turismo do suicídio”. Recomenda uma abordagem integrada que combina cuidados paliativos, prevenção do suicídio e o cumprimento de todas as diretivas legais para a prática do suicídio assistido.

SEDE: Suíça  
MEMBROS: 7000  
PORTUGUESES: 20  
4 portugueses morreram na clínica suíça (em 2009, 2012, 2014)

Contactado pela VISÃO, o Instituto de Medicina Legal confirma a existência de mortes através desta droga específica em Portugal. “Houve quatro casos entre 2009 e 2015, dois deles suicídios (em 2009 e 2014), ambos na região Norte, atesta João Pinheiro, vice-presidente. “Temos informação de que a droga de um dos suicídios terá sido adquirida na Tailândia, podendo duvidar-se da sua pureza. Certo é que apareceu no organismo em dose considerada letal”, afirma o instituto. Números que, dizem os especialistas, pecarão por defeito. A droga, vem num pacote discreto e facilmente escapa aos controlos aduaneiros e a sua presença só é detetada em autópsias, que muitas vezes não são realizadas em doentes terminais.

### “100% GARANTIA DE OBTER OBJETIVO”

Através de uma pesquisa na net conseguimos entrar em contacto com vários intermediários. Alguns até escrevem numa tentativa de português, que pode bem ser de um qualquer tradutor online. Mas o que impressiona é a crueza do discurso:

“Olá, temos alta qualidade de Z e os nossos preços são os melhores. Não há necessidade de receita médica antes da compra. Abaixo estão os preços:

100 ml Z líquido = 150EUR

250 ml Z líquido = 180EUR

15 g de pó Z = 150EUR

20 g de pó Z = 275EUR

40 g de pó Z = 300EUR

Condições de pagamento: Western Union, MoneyGram

Tempo de entrega: 2 dias de entrega courier especial

Expedição: 100% discreto e durante a noite

Embalagem: Muito seguro e discreto

Remetente: DHL, EMS ou Fedex (Nossos parceiros de correio)”

A conversa é fluida, a resposta pronta. O vendedor apresenta-se como um norte-americano da Geórgia, de onde, diz, a droga será expedida.



**Morte num frasco** Imagem do documentário “Terry Pratchett: choosing to die”, gravado numa clínica da Dignitas na Suíça, onde se vê o barbitúrico fatal

“O transporte é meticulosamente planeado, embalagem é feita com profissionalismo para o sucesso de entrega do arquivo. Também fazemos embalagem discreta, nenhum animal ou autoridade pode ditar o que está no pacote. Tem 100% de garantia de obter o objetivo. Recomendando que tome a Z líquida e certifique-se de tomar duas garrafas de 100 ml ou uma garrafa de 250 ml para ter certeza do efeito. Com apenas 100 ml você pode obter um coma com graves danos. Pode misturar com um pouco de vodka para aumentar a velocidade e eficácia. Além disso, você precisa passar fome durante algumas horas antes de tomar a droga.”

Explica que tem uma “vasta base de clientes” e parcerias estabelecidas nas indústrias farmacêutica e biotecnológica.

“Envio com regularidade o produto discretamente para França, Itália, Reino Unido, Canadá, Rússia, Ucrânia, Brasil, Polónia, Espanha, Austrália, Nova Zelândia, Portugal, Alemanha, Malásia, Camboja, Coreia do Norte e do Sul, Japão, etc.”

A tirada de despedida não podia ser mais irónica para quem equacione efetivamente matar-se: “Ansioso para a construção de uma parceria de longo prazo.”

#### UM NEGÓCIO PRÓSPERO

O mercado negro da morte desenvolve-se sobretudo a partir de 2008, quando Philip Nitschke, o polémico médico australiano que fundou o movimento Exit Internacional, um dos mais agressivos grupos pró-eutanásia, começou ativamente a fazer campanha em defesa desta alternativa como solução para quem decide morrer (ver entrevista nas páginas seguintes). O Dr. Morte, como ficou conhecido, confirmou à VISÃO que vários portugueses já o procuraram para obter a droga letal. E que existe um mercado negro na distribuição deste produto e este opera em Portugal. “A Exit tem mais de 30 registos na nossa base de dados com morada em Portugal. Cerca de metade dos membros inscritos compraram o nosso livro, e geralmente, todos o fazem com o fim de obter a droga”, afirma. À pergunta sobre se ocorreram mortes em Portugal, responde “provavelmente sim”. “Sabemos que alguns indivíduos a receberam e, como nunca mais ouvimos falar deles, acreditamos que provavelmente a droga terá sido usada”, assume.

Como explicou à VISÃO Rosário Órfão, presidente da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia, a Z é um barbitúrico e anestésico geral utilizado no passado em meio hospital, mas que hoje não está autorizado pelo Infarmed para venda em Portugal em humanos nem faz parte do formulário de fármacos hospitalares. Além dos medicamentos que só são estritamente comercializados em farmácias hospitalares, os restantes só podem ser adquiridos nas farmácias, pelos distribuidores por grosso e pelas entidades que sejam autorizadas, pelo Infarmed, a adquirir diretamente medicamentos. A aquisição pela internet é ilegal e está sujeita a coimas entre os 2 000 e os 180 000 euros, e a moldura penal é

## O NEGÓCIO DA MORTE

Tudo se compra e tudo se vende na internet para quem pensa praticar eutanásia ou suicídio assistido

### Os livros da causa



**FINAL EXIT**  
o polémico livro lançado em 1991 por Derek Humphry, ativista pró-eutanásia fundador da Hemlock Society na Califórnia, ensina as “questões práticas” para a morte assistida. Foi traduzido em 12 línguas e esteve 18 semanas na lista de bestsellers do *New York Times*. Custa 15 euros mais portes de envio.

**PEACEFULL PILL HANDBOOK**  
Livro lançado por Philip Nitschke (ver entrevista) e Fiona Stewart, da Exit. Inicialmente publicado nos Estados Unidos em 2006, explica os vários métodos para morte assistida e suicídio. Custa 40 euros a versão impressa. A versão online (77 euros), a mais procurada, é atualizada seis vezes por ano com os vendedores de confiança da droga Z

### Kit de confiança



Teste para controlo da qualidade dos barbitúricos, para confirmar a sua pureza e eficácia. Custa 32 euros online

“Tem 100% de garantia de obter o objetivo. Recomendando que tome a Z líquida e certifique-se de tomar (...) uma garrafa de 250 ml para ter certeza do efeito”, assegura o vendedor

**Droga letal**  
12 gramas de Z, a dose prescrita na Suíça, vinda do México, custa cerca de 500 euros





# Há 30 portugueses membros da Exit, a associação pró-eutanásia que divulgou o uso da Z para suicídio de doentes terminais e ajuda a encontrá-la

**Encomenda** Comprado pela internet, o barbitúrico chega pelo correio em 2 dias



## O QUE DIZ A LEI?

**Em Portugal, a eutanásia ou o suicídio assistido estão criminalizados no Código Penal.**

### Homicídio privilegiado (art. 133º)

Quem matar outra pessoa dominado por compreensível emoção violenta, compaixão, desespero ou motivo de relevante valor social ou moral, que diminua sensivelmente a sua culpa, é punido com pena de prisão de 1 a 5 anos.

### Homicídio a pedido da vítima (art. 134º)

1. Quem matar outra pessoa determinado por pedido sério, instante e expresso que ela lhe tenha feito é punido com pena de prisão até 3 anos.
2. A tentativa é punível.

### Incitamento ou ajuda ao suicídio (art. 135º)

1. Quem incitar outra pessoa a suicidar-se, ou lhe prestar ajuda para esse fim, é punido com pena de prisão até 3 anos, se o suicídio vier efetivamente a ser tentado ou a consumir-se.
2. Se a pessoa incitada ou a quem se presta ajuda for menor de 16 anos ou tiver, por qualquer motivo, a sua capacidade de valoração ou de determinação sensivelmente diminuída, o agente é punido com pena de prisão de 1 a 5 anos.

### Propaganda do suicídio (art. 139º)

Quem, por qualquer modo, fizer propaganda ou publicidade de produto, objeto ou método preconizado como meio para produzir a morte, de forma adequada a provocar suicídio, é punido com pena de prisão até 2 anos ou com pena de multa até 240 dias.

grave: pode dar prisão de um a cinco anos, tal como está estabelecido no artigo 25º do Regime Jurídico do Tráfico e Consumo de Estupefacientes e Substâncias Psicotrópicas.

No entanto, a droga ainda é produzida e comercializada em várias partes do mundo, sobretudo para veterinários com o fim de anestésiar ou eutanasiar animais de grande porte. É o caso de Portugal, onde a Z ainda pode ser usada neste âmbito. “Há medicamentos veterinários que contêm a mesma substância ativa, mas são de uso exclusivo por médicos veterinários e adquiridos nos distribuidores autorizados pelo Infarmed, mediante receita médico-veterinária especial e seguindo os requisitos obrigatórios para a aquisição de estupefacientes”, confirmou a Direção Geral de Alimentação e Veterinária.

Como sempre, onde há procura e uma lei restritiva, surge a oferta ilegal e floresce um comércio por baixo do balcão. Nos últimos anos, cresceu um negócio de importação desta droga com destino à Europa e aos Estados Unidos, provinda sobretudo do México, Peru, Tailândia e, nos últimos tempos, também da China, onde pode ser adquirida com mais facilidade por veterinários. Rosário Órfão não tem dúvidas: é perfeitamente possível a Z ser utilizada em Portugal “pelo fácil acesso” que se tem a ela. “Há várias páginas eletrónicas que a disponibilizam. Todas apresentam e-mail e telemóvel. É fácil a qualquer pessoa adquirir tais medicamentos de venda proibida”, confirma a especialista.

Não existe propriamente uma dose recomendada para a toma da Z. “Com 10 g consegue-se uma morte tranquila. As autoridades suíças geralmente oferecem 12 g”, explica Nitschke. Os preços oscilam bastante consoante a proveniência. “A Z pode ser adquirida ao balcão no México por cerca de 90 euros por 100 ml (6,5 g), no Peru ou na Bolívia cerca de 45 euros. Na China ronda os 500 euros por 25 g. Quando chega ao consumidor final, a droga vinda do México é vendida a cerca de 500 euros por 12 g. Os preços estão constantemente a mudar e nós mapeamos isso e publicamos no nosso livro digital”, explica Nitschke. Livro, que diga-se, é vendido pela Exit International por 75 euros, na versão atualizada online seis vezes por ano, e por 30 euros, na versão impressa (e desatualizada) de 2014.

Embora o seu uso seja ilegal na maior parte dos países, a facilidade e descrição com que é possível usá-la faz com que tenha sido mesmo passada para dentro dos hospitais públicos por particulares. Aconteceu na Austrália, garante Philip Nitschke, onde três familiares de doentes graves infiltraram a droga letal em estabelecimentos hospitalares durante o ano de 2015, onde foi ingerida. O Dr. Morte identificou mesmo os hospitais em questão: Royal Prince Alfred e Concord, em Sydney, e o Austin, em Melbourne.

### “EQUACIONO SUICIDAR-ME COM A Z”

Nada que surpreenda Laura Ferreira dos Santos, 57 anos, fundadora do movimento Direito a Morrer com Dignidade e a voz mais ativa no



## Mercado negro online



**OFERTA** Sabendo onde e como procurar, encontram-se vários sites que disponibilizam o barbitúrico fatal. Nem todos são, no entanto, de vendedores fidedignos



**BURLAS** No decurso desta investigação, a VISÃO encontrou sites de venda da droga muito bem construídos, que simulavam associações não lucrativas pró-eutanásia, mas que ao fim de uma semana já tinham desaparecido

## LÉXICO

### Morte assistida

Tem duas modalidades: a eutanásia ou o suicídio assistido, e é efetuada por um médico ou sob a sua orientação ou supervisão

### Eutanásia

A origem da palavra significa “morte boa” (*eu* = bom; *thánatos* = morte). Trata-se do ato deliberado de provocar a morte sem sofrimento a um paciente. Importa uma conduta ativa de um terceiro de forma a provocar o ato que causa a morte. (Exemplo: injeção letal dada por alguém num doente inconsciente)

### Suicídio assistido

Ato de auxiliar alguém a matar-se, sendo que o ato causador da morte é praticado pelo próprio e não por terceiro. (Ex: ingestão de droga letal pelo doente [ou outro])

### Ortotanásia

Também chamada de eutanásia passiva. Trata-se da limitação ou suspensão do esforço terapêutico que prolonga a vida de doentes terminais. (Exemplo: supressão da alimentação artificial)

movimento pró-eutanásia em Portugal. “Tinha ideia que havia portugueses a matarem-se com a Z, acontece um pouco por todo o mundo. Só atesta o grau de desespero a que as pessoas chegam – é isto que a criminalização faz: aumentar-lhes o seu sofrimento e empurrá-las para estas soluções fora da lei”, atesta. Ela própria doente oncológica desde 2001, faz agora, pela primeira vez, uma revelação dura, mas objetiva: “Eu própria estou entre a espada e a parede. Tenho metástases ósseas e vivo atormentada com dores permanentes e insuportáveis. Tenho acesso a um produto letal, sei onde arranjar a droga e equaciono usá-la.” (testemunho na página 44) Solução que, no entanto, considera indigna e desumana.

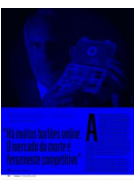
“Morrer sozinha para não incriminar alguém é muito triste”. Esse é de facto um perigo real: a ajuda ao suicídio é punível com pena de prisão até três anos (ver caixa “O que diz a lei?”). E as coisas podem correr mal. “É raro, mas acontece. Já ouvi falar de casos no estrangeiro de quem vomitou e teve, em desespero, de engolir o próprio vómito. Ou de pessoas que não morreram em minutos, mas sim só ao fim de quatro dias! É bom que se diga isto claramente”, sublinha a investigadora de Filosofia na Universidade do Minho.

A compra de medicamentos pela internet é, claro, extremamente arriscada. Desde logo, não é garantida a sua eficácia. “Acarreta vários riscos, nomeadamente a ausência da substância ativa, a sua presença numa quantidade inadequada e a possibilidade dos fármacos estarem contaminados com substâncias tóxicas”, explica Rosário Órfão. Os sites que oferecem esses medicamentos são “clandestinos”, e, portanto, não há como garantir a qualidade do medicamento. Além disso, a par do mercado negro surgiram também esquemas de burla construídos para caçar pessoas especialmente vulneráveis, que muitas vezes exigem o pagamento prévio e as pessoas nunca chegam a receber qualquer produto.

A droga pode também chegar em versão contrafeita. Carlos Maurício Barbosa, bastonário da Ordem dos Farmacêuticos, que integra o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, não se surpreenderia que fosse esse o caso. “No ano passado, 115 países apreenderam mais de 20 milhões de embalagens de medicamentos contrafeitos com o valor de 72 milhões de euros.” Só em Portugal, no âmbito da operação Pangea, o Infarmed fez a inspeção de 6140 embalagens, das quais 1051 foram apreendidas.

Riscos enfatizados pela Dignitas, a entidade conhecida pelo apoio ao suicídio assistido na Suíça, país onde esta prática está legalizada. Contactada pela VISÃO, a Dignitas esclarece que “advoga e recomenda uma abordagem integrada que combina cuidados paliativos, prevenção do suicídio e o cumprimento de todas as diretivas legais para a prática do suicídio assistido. Nunca recomendamos que se compre uma substância online, onde não se pode ter a certeza do que se está a adquirir, se é que se recebe, sequer, alguma coisa depois de pagar. Não recomendamos suicídios solitários. Só o recomendamos acompanhado e 100% seguro, para o qual exista tempo de discussão e preparação e envolvimento da família e amigos do doente, e onde todos possam refletir e despedir-se, estando presentes até à última hora.” A instituição, que conta com 20 portugueses membros (nem todos, ao contrário do que foi noticiado por cá, pediram ou aguardam para morrer, alguns são apenas apoiantes da causa) já ajudou mais de 2 100 pessoas a morrer na Suíça desde 2008 com o barbitúrico Z. Quatro destes eram portugueses, em relação aos quais existe apenas uma certeza: nenhum encontrou resposta no seu país – seja ela qual for – para resolver o seu sofrimento. ■

\*Com Isabel Nery



GETTY IMAGES

## Philip Nitschke, o 'Dr. Morte'

FUNDADOR DA EXIT INTERNATIONAL

“Há muitos burlões online. O mercado da morte é ferozmente competitivo”

 MAFALDA ANJOS

A sua luta pró-eutanásia leva já 25 anos. Nitschke é hoje o mais radical porta-voz pela legalização da morte assistida para doentes terminais, e não só. Este médico australiano de 68 anos, fundador da Exit International, uma associação sem fins lucrativos com mais de 18 mil membros, defende o direito ao suicídio racional. Escreveu o manual de referência para uma morte fácil e indolor, intitulado *Peaceful Pill Handbook*. Foi Nitschke quem, nos últimos anos, mais incentivou o uso do barbitúrico Z. como droga letal, servindo de fonte dos sítios fidedignos onde o medicamento pode ser adquirido e promovendo *workshops* pela Europa onde explica as técnicas mais eficazes. Com tamanha proatividade, que lhe valeu o epíteto de *Dr. Morte*, comprou, como seria de esperar, diversas guerras. Algumas no seu país de origem, onde a classe médica, sobretudo a psiquiátrica, lhe é crítica. Mas mesmo entre os defensores da eutanásia, a sua abordagem



agressiva está longe de ser consensual. A gota de água foi a morte de um homem – Nigel Brayley, 45 anos – que não estava com uma doença terminal mas sim deprimido e que se suicidou usando as técnicas que Nitschke lhe recomendou num fórum da Exit. Soube-se depois que Brayley era suspeito da morte da mulher e de uma namorada. Após este caso, Nitschke viu a sua cédula profissional suspensa pela Ordem dos Médicos australiana em julho de 2014. No final de 2015, queimou o seu diploma num ato público, abdicando de exercer como médico para poder continuar a sua luta pela causa do direito à morte tranquila.

Numa entrevista à VISÃO, feita numa longa troca de mails, Nitschke explicou a dimensão do mercado negro em torno da Z. e a forma como a droga penetrou em Portugal.

**Se a lei de um país não permite a morte assistida, que opções procuram as pessoas que querem morrer com dignidade em caso de doença terminal?**

A escolha entre os meios disponíveis, na ausência de uma mudança legislativa, depende sempre do indivíduo e do caso em questão. Muitos ficam confusos com a grande quantidade de documentação necessária para uma candidatura bem sucedida na Suíça [onde o suicídio assistido é legal], ou não querem sair das suas casas e morrer num país estrangeiro. Muitas vezes torna-se impossível viajar, o que muitas vezes sucede quando se está em fase de doença terminal. Por esta razão, há quem prefira importar uma droga, a Z., normalmente do México ou da China, onde o processo está bem organizado, e morrer em casa, mesmo correndo riscos. Há, claro, a questão da ilegalidade do procedimento – muitos temem as consequências legais –, e o risco de não comprar o produto certo. Ainda ontem visitei um paciente no Reino Unido que estava a agonizar com estas dúvidas, e por isso está a tentar as duas vias.

**Pode-se, efetivamente, comprar de forma segura a Z. online? Há vendedores fidedignos que garantam a qualidade?**

Há alguns. Recentemente o número de vendedores de confiança diminuiu, e existiu uma explosão de sites de burla. O número de fornecedores chineses de confiança, por exemplo, desceu de cerca de 10, em 2014, para apenas dois, hoje em dia. Nós acompanhamos todas estas mudanças e quando as confirmamos, publicamos na edição digital do livro *Peaceful Pill Handbook*.

**Há muitos esquemas e burlões online a tentarem vender esta droga?**

Muitos, e cada vez mais. Este é, diga-se, um mercado ferozmente competitivo. Há pouco tempo houve mesmo uma série de falsas denúncias desenhadas para prejudicar um fornecedor de confiança, presumivelmente para canalizar mais tráfego para os burlões.

**A sofisticação dos sites burlões é grande. Há quem se apresente como uma organização não governamental e grupo de apoio aos doentes terminais, e até use a sua imagem**



Como princípio, a Exit acredita que os adultos racionais devem poder conseguir acabar com as suas próprias vidas quando assim entenderem, sejam ou não doentes terminais

Muitos dos nossos membros obtêm a droga como “rede de segurança”, na esperança de nunca terem de a usar. É muito comum que um membro da família ou um amigo chegado nos contacte a dizer que alguém morreu de uma doença e deixou a droga, e que não sabem o que fazer com ela



**e a da Exit International para credibilizar a venda da droga.**

Sim, a utilização da imagem da associação e a minha própria para tentar passar a ideia de que o site é de confiança é um problema crescente. Denunciamos-os sempre.

**É por essa razão que aconselha sempre que se faça um teste de pureza do produto antes de o tomar ou injetar?**

Na verdade, essa só se tornou uma questão relevante quando os chineses entraram no mercado, oferecendo a versão em pó da droga. Quem encomenda da América do Sul recebe o medicamento na versão esterilizada e engarrafada, e se a etiqueta estiver perfeita e o selo intacto, podem estar geralmente descansados que têm o produto certo. Já receber um pacote com 20 g de um pó branco causa muito mais preocupações, o que gerou o rápido crescimento da procura de kits para testes de pureza.

**Tem ideia de quantas pessoas escolhem morrer em privado, utilizando este medicamento ou outras formas de morte assistida?**

É muito difícil de estimar. Muitos dos nossos membros obtêm a droga como “rede de segurança”, na esperança de nunca terem de a usar. Às vezes ouvimos que aconteceu, mas muitas vezes não há seguimento. Sabemos que centenas de pessoas por ano compram a droga, mas, quantas efetivamente usam o produto, não conseguimos saber ao certo. Ouvimos falar de cerca de um caso por semana, mas tenho a certeza que isto é claramente uma estimativa por baixo. Por outro lado, é muito comum que um membro da família ou um amigo chegado nos contacte a dizer que alguém morreu de uma doença e deixou a droga, e que não sabem o que fazer com ela.

**Sabe da existência da Z. em Portugal, ou alguma vez foi contactado por portugueses para a obter?**

Sim. Aliás, a Exit tem um conjunto de membros portugueses, temos mais de 30 registados na nossa base de dados que dão Portugal como a sua zona de residência. Em 2014, fui a Lisboa falar com alguns membros. Cerca de metade dos inscritos compraram o nosso livro e, geralmente, todos o fazem com o fim de obter a droga. Uma vez, um português encomendou e, quando recebeu efetivamente o produto, ficou tão impressionado com o conteúdo que nos disse que ia contactar as autoridades para “fechar este tráfico ilegal de drogas”. Não sei se o chegou a fazer.

**E sabe se alguns efetivamente morreram em Portugal através do seu uso?**

A resposta é “provavelmente sim”. Isto porque sabemos que alguns indivíduos a receberam em Portugal e, como nunca mais ouvimos falar deles, acreditamos que provavelmente a droga terá sido usada.

**Além desta droga, também defende o uso do Saco Exit [um saco de asfixia], que até ensina a fazer.**



Algumas pessoas têm doenças que tornam a administração oral impossível, ou têm problemas em engolir ou vomitar (e muitas temem a possibilidade de vomitar). Nestas situações, o Saco Exit com Y. [um gás cuja aquisição é legal] é por vezes preferível. Ocasionalmente, as pessoas fazem esta escolha porque é uma opção legal que não implica um ato ilícito.

**No Reino Unido tem feito workshops de suicídio. Está a planear fazê-los em Portugal?**

Sim. Já estive em Portugal em 2014 e planeio ir em breve ao Porto, onde temos alguns membros.

**Tem uma ideia da dimensão real do mercado negro desta droga? Quanto vale o negócio da eutanásia?**

Não consigo estimar. O mercado negro está na distribuição da Z., mas não existe evidência do envolvimento de uma atividade criminal organizada. A razão para isto é que não existe um mercado permanente com um vendedor, por isso não se enquadra no modelo tradicional das drogas ilegais. Há anos que fazemos *lobbying* para descriminalizar a posse e a importação de pequenas quantidades (até 10 g). Isto encaixaria perfeitamente no modelo português da descriminalização da posse de drogas.

**Ao facilitar de tal forma o acesso a quem quer morrer com dignidade por causa de doenças terminais, não teme estar a promover o suicídio para pessoas que não estão nessas condições, como aconteceu com Nigel Brayley?**

Não concordo que dar às pessoas informação rigorosa sobre as suas alternativas para terminarem com as suas próprias vidas promova o suicídio. O que faz, sim, é dar informação que permite que um indivíduo possa fazer uma escolha informada. Alguns, quando obtêm informação de confiança, afastam-se da ideia. Como princípio, a Exit acredita que os adultos racionais devem poder conseguir acabar com as suas próprias vidas quando assim entenderem, sejam ou não doentes terminais. E o Nigel Brayley fez uma escolha racional – para ele era melhor morrer do que ficar 30 anos preso por matar duas mulheres.

**Quais são os seus argumentos principais para defender o suicídio racional?**

Este é um tema muito complicado e, sobretudo, um tema que a profissão médica tem muita dificuldade em resolver. A opinião médica prevalente é que todos os suicídios são uma manifestação de alguma (possivelmente não diagnosticada) doença mental. A ideia de que um adulto de mente sã possa escolher morrer é algo muitas vezes inconcebível para um médico. Foi precisamente esta minha convicção que levou à campanha que a comunidade médica australiana conduziu contra mim para me retirarem a carteira de médico. Mas a minha posição baseia-se na experiência que tenho nesta matéria – há anos que estou envolvido no tema e tenho conhecido muitas pessoas com razões atendíveis e não-médicas para querer terminar com as suas vidas. Há, aliás, cada vez mais artigos com esta perspetiva em jornais académicos. [manjos@visao.imprensa.pt](mailto:manjos@visao.imprensa.pt)



JOSE CARIA

## Laura Ferreira dos Santos

FUNDADORA DO MOVIMENTO DIREITO A MORRER COM DIGNIDADE

“Sei onde arranjar a droga e equaciono usá-la”



**O** discurso emocionado vem de rajada, surpreende o interlocutor, e do lado de cá faltam palavras para uma dor que não tem consolo, mas sobretudo para a determinação lúcida e racional de quem domina bem o tema. Bem demais, agora que é da sua própria morte que se trata. “Sou eu que agora me vejo na situação de pensar em suicídio. Estou entre a espada e a parede. Sei que provavelmente não vai tardar e, quando chegar a minha hora, sei bem o que vou fazer. Nunca me inscrevi na Dignitas porque quero morrer na minha casa, ou pelo menos na minha cidade. Não me faz sentido ir à Suíça para me matar”, afirma Laura Ferreira dos Santos, de 57 anos. Não tem dúvidas: “Tenho acesso a um produto letal, sei onde arranjar a droga [a substância Z] e equaciono usá-la.”

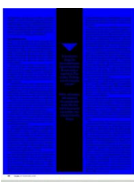
Há anos que Laura Ferreira dos Santos fala pelos doentes para quem a vida deixou de fazer sentido. Tem sido a porta-voz, no início quase solitária, da causa da morte assistida e da eutanásia em Portugal, com quatro livros publicados, dezenas de artigos de opinião escritos e a fundação do movimento Direito a Morrer com Dignidade. Chegou

#### **Batalha**

**Laura Ferreira dos Santos bate-se há 15 anos pela possibilidade legal da morte assistida em Portugal. Teme morrer antes de vencer essa batalha e, pela primeira vez, fala abertamente da sua luta pessoal. Doente oncológica, não põe de parte um suicídio com a droga Z**

agora o penoso momento de, pela primeira vez, falar publicamente também por si própria. “Tive um cancro da mama em 2001, uma recidiva em 2007 e desde 2011 que tenho metástases ósseas. Há pouco tempo apareceu-me uma grande metástase na coluna, que aumentou muito e me dá dores permanentes e insuportáveis. Fui operada para tentar atenuar estas dores terríveis, mas não resultou. Nada parece resultar. Ainda não sou uma doente terminal, mas começo a chegar ao momento em já não sei se vale a pena lutar e passar por tanto sofrimento. Não sei com que sequelas vou ficar quando terminar mais um ciclo de radioterapia, se vou poder sair à rua, guiar um automóvel... Se ficar como estava, não há drogas que funcionem. Os medicamentos não fazem nada, ou melhor, só me fazem mal. Os que podem funcionar deixam-me zombie, drogada de tal forma que não consigo ler nem escrever. Assim, esta não é a minha vida. Assim, não me faz sentido, por muito que eu goste do meu marido e dos meus sobrinhos. Simplesmente, não me faz sentido. Só peço o direito a não morrer aos bocadinhos.”

Uma solução para o sofrimento que está longe de ser a saída digna que advoga a professora de Filosofia da Universidade do Minho. “Sei como fazer,



mas entristece-me muito que tenha de ser assim: sozinha e na clandestinidade, para não incriminar ninguém. Sem sequer conseguir falar abertamente com um médico, porque a reação nestes casos é sempre a mesma: ou adotam a estratégia da negação, ou encaminham para a psiquiatria. Não concebem o suicídio racional. Mas a minha vida sou eu que a conduzo, e a minha morte também.”

#### PAZ, MESMO NO FIM

**PUM!** “O que ele queria era morte assistida.” Não havia, e o fim aterrador de um cunhado tinha-o feito prometer que não se ia deixar chegar àquele ponto de não-vida. O cancro no intestino já devorava todas as células boas, espremia-lhe os órgãos, fazia-o desmaiar de falta de ar. Chegou a pensar atirar-se da varanda. Desistiu porque um segundo andar não dá morte certa. Nem sempre se morre quando se quer. Mas alguns não aceitam determinismos alheios.

**PUM!** “O teu pai encontrou a pistola!” O filho, então com 35 anos, enfermeiro, ordenou: “Tragam-me cá. Trato-o aqui!” As palavras de boa vontade haveriam de misturar-se com o derradeiro, estridente, **PUM!** O terceiro tiro chega-lhe intermediado pela ligação telefónica. Do outro lado, a impotência. Pior: a culpa. “Podia ter morrido tranquilo e em paz.”

Já lá vão treze anos. Mas a memória deste fim, que podia ter sido outro se a resposta de cuidados paliativos existisse para todos ou se a morte assistida já tivesse sido suficientemente discutida, ainda impõe pausas de silêncio. Para inspirar. Para chorar. Para expiar uma culpa que talvez não lhe coubesse se o tema da morte não fosse ainda tabu.

O filho não esquece aquele tiro que não pôde evitar. Os quatro netos ficaram traumatizados com o fim descabido de um avô com quem brincavam entre as árvores da quinta. Não foi a morte que os traumatizou, mas a forma como ela chegou.

A discussão sobre a possibilidade de cada um decidir sobre o seu fim sem traumas ganhou novos contornos depois do debate à volta do manifesto, tornado público no início do mês, a favor da despenalização da morte assistida, assinado por mais de cem personalidades.

Uma discussão que se justifica pela ilegalidade que significa hoje terminar com a própria vida com o auxílio de outros. “A ajuda ao suicídio é crime previsto no Código Penal”, explica à VISÃO o advogado João Medeiros. Embora raramente, alguns juristas são confrontados com perguntas dos clientes sobre a legalidade de terminar com a própria vida. “Tenho de esclarecer que a eutanásia é a decisão de pôr fim à vida por alguém incapacitado de o fazer e que neste momento é proibida”, esclarece a advogada Filomena Girão.

A pergunta chega poucas vezes aos peritos em leis, mas é frequente no dia a dia dos profissionais dos cuidados paliativos. Mais do que dúvidas teóricas, ouvem angústias: “Quero morrer! Não quero viver assim!” A interpelação chega com frequência aos ouvidos do enfermeiro Francisco. “Trabalho numa unidade por onde passam cerca de 130 doentes por ano. Destes, uns dez por cento pedem eutanásia. É difícil ouvir, mas não podemos.”

O terceiro tiro  
chega-lhe  
intermediado pela  
ligação telefónica.  
Do outro lado, a  
impotência. Pior:  
a culpa. “Podia ter  
morrido tranquilo  
e em paz”

O filho, enfermeiro,  
não esquece o  
tiro que não pôde  
evitar. Não foi a  
morte do pai que o  
traumatizou, mas  
a forma como ela  
chegou

A taxa calculada por este enfermeiro desconta já os que deixam de verbalizar o desejo de morte depois de lhes ser diminuída a dor. Esses “rondam os 40 por cento”.

Francisco admite que trabalhar nessa antecâmara da morte que são os cuidados paliativos o ensinaram a ser favorável à eutanásia. Custa-lhe a impotência perante os pedidos dos doentes. “Estamos tão obcecados em drogar as pessoas que nem lhes damos oportunidade de dizerem o que querem.” E a oportunidade falta porque a maioria dos profissionais de saúde, diz, “não está bem resolvida em relação à morte”. Muitas vezes, “veem nos outros a sua própria morte e não estão preparados”.

Tal como Francisco, também a médica Cristina Galvão e a enfermeira Catarina Pazes ouvem pedidos desesperados. Mas ambas asseguram que o desejo de fim desaparece com o apaziguar da dor. Uma missão que garantem sempre – e enfatizam o sempre – possível: “Não há nenhum momento em que não haja nada a fazer. Recusamos esse fatalismo”, diz Catarina Pazes, logo secundada pela companheira de equipa. “Controlar a dor é fácil. Se esse controlo implicar perda de consciência, negociamos com o paciente. Explicamos e perguntamos se aceita a medicação.”

Em oito anos de projeto Suporte em Cuidados Paliativos Beja+, a média anual de doentes seguidos – em casa, unidades de cuidados continuados ou lares – ronda os duzentos. Embora já tenham ouvido o desespero do pedido “Mate-me!”, o apoio a doentes em fase terminal levou-as a concluir que querem – e conseguem – “matar o sofrimento em vez de matar o sofredor”.

Uma convicção que as faz remar contra a morte assistida. Pelo menos enquanto não for esgotada a oferta de cuidados paliativos. “Aceitaria melhor a discussão depois de assegurados os cuidados paliativos para todos.” E se se resolvesse primeiro a distanásia – excesso de cuidados e intervenções médicas inúteis. “Andamos numa luta desenfreada contra a morte e depois oferece-se a eutanásia. Isto torna a discussão inoportuna”, defende Catarina Pazes.

Para esta equipa, tudo seria diferente se houvesse mais saber sobre o alívio que podem garantir. “Prevenia-se muita dor com referência precoce. A maioria dos doentes chega-nos tarde, quando já sofreram muito e pensam que não há alívio. Mas há”, reitera Cristina Galvão. O problema, admite um oncologista ouvido pela VISÃO, é que “a esmagadora maioria dos portugueses não tem quem os ajude” nesta batalha pela morte digna. Confrontado com a impossibilidade de aconselhar os seus doentes a escolherem como morrer, assinou o manifesto. “É preciso uma discussão séria sobre o tema e mudar a lei. O médico não pode transformar-se em assassino para aliviar o sofrimento.” Por isso mesmo, o próprio bastonário da Ordem dos Médicos, José Manuel Silva, veio já admitir a necessidade de referendar o tema dentro da classe.

Enquanto não mudar a lei, nenhum médico se quer sentir assassino. Os doentes pedem uma morte digna. Nunca esteve tão perto de ser seriamente discutida, mas, para já, mantém-se o dilema. inery@visao.imprensa.pt



# O MERCADO NEGRO DA EUTANÁSIA

A droga utilizada para os suicídios assistidos pode ser comprada online e chega pelo correio. Já matou quatro portugueses e há 30 inscritos na associação que ajuda a encontrar o barbitúrico fatal. "Sei onde arranjar a droga e equaciono usá-la", diz Laura Ferreira dos Santos, doente oncológica e fundadora do movimento Direito a Morrer com Dignidade

